

PUXIRÕES: TRABALHO GRUPAL/AGRÍCOLA EM COMUNIDADES FAXINALENSES DO MUNICÍPIO DE REBOUÇAS-PR – AS INFLUÊNCIAS ECONÔMICAS POR TRÁS DA PRÁTICA

Wellerson Emanuel Ferreira¹

Resumo: Esta pesquisa se propõe a realizar uma análise a respeito dos puxirões, prática de trabalho agrícola em grupo, realizado nas comunidades faxinalenses do Salto e Marmeleiro dos Soares do município de Rebouças PR, as quais serviram como campo de pesquisa para análise da prática. Buscou-se ao longo da pesquisa, aprender as diferentes variações em relação nomenclatura, as influências na configuração do cotidiano e na economia das comunidades em que é praticado (alterações na economia das comunidades devido a prática de puxirão, assim como, as alterações da economia nesse modo de trabalho agrícola, dentro de um recorte considerando a década de 1970 até o início dos anos 2.000). Percebeu-se inclusive, a prática de puxirão como elemento constituinte de identidade do que vem a ser o Faxinalense. Assim sendo, focando em cada linha de abordagem presente na análise desenvolvida, ao problematizar o cotidiano influenciado pela presença desse modo de trabalho agrícola, sendo o mesmo repleto de relações simbólicas, destacamos a troca e a reciprocidade, presentes em âmbito quase geral em ambas as comunidades. Ao adentrar as comunidades foi possível trazer à tona, as maneiras de relacionarem-se na esfera social, as “bricolagens” realizadas no dia-a-dia, a criatividade não explícita que compõe o viver em Faxinal, as “mil maneiras” de procedimentos adaptados a uma vivência específica em determinada realidade, as manipulações técnicas, os sistemas de vantagens desenvolvidos em buscas de benefícios, entre outras práticas, percebíveis nesse sentido, não no cotidiano, mas na cotidianidade. Por meio deste trabalho, buscamos analisar uma prática de trabalho tradicionalmente agrícola se tratando das comunidades interioranas citadas, Faxinal do Salto e Faxinal Marmeleiro dos Soares. Perceber como um modo de trabalho em grupo envolvendo inúmeros moradores influencia na economia local, no cotidiano e na identidade do faxinalense.

Palavras-chave: Puxirão; Faxinal; Economia; Agricultura.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História – PPGH Unicentro/Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

1. Povos tradicionais: uma ênfase em relação aos faxinalenses

O Brasil possui cerca de ¼ do território ocupado por povos tradicionais, um exemplo da variedade étnica/cultural hodiernamente. Segundo o site da Defensoria Pública da União:

O Brasil caracteriza-se por sua multiplicidade sociocultural, expressada por cerca de 522 etnias, com modos próprios de conduzir sua vida e de entender o mundo, o que as destaca da “sociedade nacional”. Dessa forma, os chamados povos e comunidades tradicionais são correspondentes a oito milhões de brasileiros os quais ocupam ¼ do território nacional [...]²

A partir deste trecho da Defensoria Pública da União, podemos ter uma noção do quão significantes são esses povos, não apenas quantitativamente mas qualitativamente, por meio do agregar as culturas, os ensinamentos assim como hábitos e, em especial, o modo como estes povos demonstram as possibilidades de suprir necessidades por meio da terra e natureza em geral de modo sustentável.

A variedade de povos que enquadravam-se entre as caracterizações necessárias para povos tradicionais já era considerável no que diz respeito a lista do Ministério do Meio Ambiente de 2016, porém, por meio do decreto 8.750³ de 9 de maio de 2016, o número de povos teve um relevante processo de agregação, sendo estes: indígenas, quilombolas, extrativistas, pescadores, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, fundo e fecho de pasto, povos de terreiro, ciganos, faxinalenses, ribeirinhos, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varejeiros, pantaneiros, geraizeiros, veredeiros, catingueiros, barranqueiros, benzedeiros, catadores de mangaba, retireiros do Araguaia, andirobeiros, marroquianos, povos pomeranos e apanhadores de flores sempre viva.

O Decreto 8.750 data ano de 2016, ou seja, um marco no que se trata a respeito e igualdade recente na história desses povos, os quais têm sua trajetória marcada por lutas e conquistas, a muito tempo politicamente deixados de lado e marginalizados. Inclusive na escrita, pouco fora considerado historicamente – até tempos recentes – em relação aos povos tradicionais, assim como aponta Campigoto (2008, p. 1) ao ressaltar que “sob tais aspectos abriga-se a diversidade de grupos e tipos de povoamento existentes em determinado território ou país, marginalizados socialmente e, diga-se, ao mesmo tempo, que foram até

2 Defensoria Pública da União. Comunidades Tradicionais. Disponível em: <https://www.dpu.def.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1737&Itemid=251> Acesso em 24/07/2020.

3 DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Decreto 8.750 de 9 de maio de 2016. Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Publicado em: 10/05/2016 | Edição: 88 | Seção: 1 | Página: 1 Órgão: Atos do Poder Executivo. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/21174938/doi-2016-05-10-decreto-no-8-750-de-9-de-maio-de-2016-21174887> Acesso em: 27/07/2020.

recentemente pouco considerados nas políticas de escrita”⁴. Cabe destacar ainda, a exclusão, pois não se trata de poucos povos isolados, mas de uma multiplicidade por muito ignorada.

Ao ressaltarmos, portanto, no que diz respeito a presente temática, é o termo de tradicional que estes povos carregam como categorização. Ora, sendo “tradicionais” uma categoria, quais elementos estão presentes nestes povos e comunidades, o que os distingue dos demais? Partindo da premissa da caracterização fruto das peculiaridades e particularidades, estas serão o que os diferenciara e possibilitará atrelarmos a eles e, até mesmo estes se auto reconhecerem como tradicionais. Para isto, a Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS) – do Ministério Público de Minas Gerais, contribuiu ao desenvolver uma cartilha de povos tradicionais, na qual menciona que:

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações. São povos que ocupam ou reivindicam seus territórios tradicionalmente ocupados, seja essa ocupação permanente ou temporária. Os membros de um povo ou comunidade tradicional têm modos de ser, fazer e viver distintos dos da sociedade em geral, o que faz com que esses grupos se auto reconheçam como portadores de identidades e direitos próprios.⁵

Contudo, o foco central desta pesquisa refere-se aos povos faxinalenses, também categorizados como tradicionais. Estes povos praticam um estilo de vida que propicia a eles o devido enquadramento a categorização de tradicionais. Dentre os principais modos de relacionar-se em comunidade, estes povos destacam-se pelo uso de terras em comum, divididas entre os moradores, cercadas formando o criadouro comum,⁶ independente de qual morador possui maior porção de terra dentro da área cercada ou maior número de animais, o espaço como um todo e por todos é dividido⁷.

Os recursos naturais para criação e desenvolvimento dos animais também são divididos, a exemplos dos recursos hídricos, as aguadas naturais⁸ servem para saciar a sede dos animais e, assim como a terra, independente do qual terreno se encontre, os animais

4 CAMPIGOTO, José Adilçom e SOCHODOLAK, Hélio. (Orgs). *Estudos em história cultural na região sul do Paraná*. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008.

5 Cartilha dos Povos e Comunidades Tradicionais - Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS) - Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), 2014.

6 Se caracteriza como criadouro comum a área de terra da comunidade cercada e destinada a criação de animais a “solta” para posterior venda e/ou abate, servindo inclusive como espaço no qual os moradores constroem suas residências e quintais.

7 Além da divisão de terras para criação de animais, os faxinalenses fazem divisão/troca de dias de trabalho em prol os moradores e a comunidade, em forma de puxirões, espécie de trabalho em grupo favorecendo um morador, qual deverá ser recíproco e, futuramente, devolvendo o dia de trabalho para aquele que lhe serviu (tema que será tratado com mais ênfase no próximo capítulo).

de inúmeros faxinalenses servem-se como opção. Além destas particularidades, Mayra Lafoz Bertussi, ressalta as relações destes povos com as florestas e biomas em geral:

Os povos de faxinais são povos tradicionais cuja formação social se caracteriza principalmente pelo uso comum da terra e dos recursos florestais e hídricos disponibilizados na forma de criadouro comunitário. Com uma territorialidade específica, além de uma tradicionalidade na ocupação da terra, os povos de faxinais são importantes sujeitos da preservação ambiental do Bioma Floresta com Araucária, no Estado do Paraná.⁹

A preservação ambiental do bioma e floresta não restringe-se unicamente as Araucárias, mas outras espécies compõem o aproveitamento ecológico dos recursos naturais devido seus frutos, para colheita e uso na engorda nos animais à solta, tais como pinhão, guabirobas, araçás, pitangas, jabuticabas, orvaia, ariticum, entre outros (CAMPIGOTO, 2008)¹⁰. Todavia, este modo de vida que mostra-se repleto de tradição a respeito de uso em grupo não restringe-se aos bens naturais da comunidade, destacamos e analisaremos a seguir a prática de puxirões, uma prática de trabalho comunal agrícola realizados no Faxinal do Salto e Faxinal de Marmeleiro dos Soares, ambos no município de Rebouças Paraná.

2. Trabalho comunal em puxirões: as influências econômicas por trás da prática

Historicamente, temos relatos de inúmeras práticas culturais realizadas pelos povos tradicionais no Brasil e no mundo. Nos Faxinais na região Sul do país, há um amplo leque de hábitos culturais que marcam as tradições destes povos, seja em relação à religião, técnicas de construção, o modo de organização social, elementos de composição de identidade¹¹, entre outros diversos. Todavia, cada um possui suas especificidades. Entre os elemen-

8 Termo utilizado por faxinalenses para referir-se a pequenas lagoas de formação natural devido vertentes existentes no terreno ou pequenos tanques cavados afim de ter-se reservatórios de água (ANDRADE, 2020).

9 BERTUSSI, Mayra Lafoz. *FAXINAIS: em busca do reconhecimento*. Porto Seguro: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

10 CAMPIGOTO, José Adilçom e SOCHODOLAK, Hélio. (Orgs). *Estudos em história cultural na região sul do Paraná*. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008.

11 O conceito de identidade está presente em algumas passagens do texto, não sendo um dos temas de destaque abordado, mas com considerável relevância, por este motivo, julgou-se pertinente trazer uma concepção acerca do conceito firmando seu entendimento e complementando o sentido de identidade quando assim remeter-se aos moradores. Neste caso, partindo das contribuições do pesquisador Stuart Hall, este menciona que: “De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.” HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006. A identidade compõe o interior do sujeito (nesse

tos culturais que caracterizam o modo de vida faxinalense, a prática do trabalho comunal destaca-se como mais um fator que baliza o meio, demonstrando a união entre os moradores destas comunidades.

Em meio a complexidade e amplitude de elementos que compõem o tema, a pesquisa de campo nas duas comunidades mostrou-se como um procedimento qual proporcionou a possibilidade de absorver e compreender este modo de trabalho em grupo, o puxirão/mutirão¹². Estes, portanto, são as organizações em grupos entre os moradores, realizadas para executar determinado trabalho na comunidade tanto na terra de plantar, desse modo, estando diretamente ligado alguma cultura agrícola, sendo carpir feijão, fazer uma roçada, virar a terra, assim como na terra de criar, onde ficam as residências e os animais à solta; teremos trabalhos como à manutenção das cercas, construções para a comunidade, limpeza das vias, entre outros. Devido à essência de reciprocidade, zelo e união familiar intrínsecas aos puxirões, esta prática cultural vai além de um modo de trabalho, servindo de exemplo as palavras de Brandão:

Mutirão é uma instituição universal, cultivada geralmente nos grupos primários, onde o organizador, necessitando de uma rápida, larga e eficiente cooperação para um serviço, a solicita dos seus vizinhos, comprometendo-se tacitamente a retribuí-la nas mesmas circunstâncias, tão logo lhe seja pedida essa retribuição.¹³

Temos desse modo, como um dos principais elementos que compõem o puxirão a reciprocidades entre os participantes (neste caso entre os faxinalenses das comunidades pesquisadas). Portanto, para pensarmos o âmbito de sociabilidade nos faxinais, a reciprocidade adquire papel de destaque, pois carrega inúmeros elementos significativos para analisarmos a configuração recíproca dos “puxirões”. Como descreve Sabourin¹⁴ “[...] a reciprocidade implica na preocupação pelo outro para estabelecer o *mana*, para produzir valores afetivos ou éticos como a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua.”

Para que haja reciprocidade, é necessário identificação entre os participantes, e estes sendo recíprocos, temos aqui a primeira relação econômica envolvendo este modo de trabalho, pois um “mutirão” firmado por meio de um contrato de trabalho no qual o pagamento ocorre com dinheiro ou bens, podendo reunir inúmeras pessoas não será o “mutirão da troca”, do zelo, o sentimento de cuidado e identificação com o companheiro não estará

caso em específico o faxinalense), mas que adequasse conforme interações em ambientes “extra-particular”, mas são suas características mais particulares adquiridas no seio da comunidade que o moldam no decorrer de sua vivência e convivência como um faxinalense.

12 As denominações são diferentes, entretanto ambas significam trabalho grupal desenvolvido pelos moradores nos faxinais.

13 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 40.

14 SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]*, v. 23, n. 66., p. 131-138, nov 2008.

presente. Tal situação pode ser percebida através de um breve trecho da fala do Sr Amaro de Oliveira, faxinalense que reside no Marmeleiro dos Soares:

“Mutirão não é eu ir lá e contratar dez pessoas vinte pessoas e por pra arrancar feijão, o mutirão é a união familiar, ele é troca de trabalho, esse é o verdadeiro mutirão, ele tem um sentido pra nós que moramos aqui que uma pessoa de ‘longe’ pode não entender.”¹⁵

Ao analisarmos a fala do Sr. Amaro, este, ao proferir a frase “Mutirão não é eu ir lá”, apesar de transmitir um sentido de localização, não se trata de ir em algum lugar, mas sim de realizar a atividade de firmar contrato para trabalho. Pois o puxirão não se constitui como atividade econômica passível de pagamento por meio de dinheiro ou bens do empregador, mas sim do envolvimento da comunidade, da ligação familiar na ajuda para desempenhar as atividades agrícolas ou que de alguma forma favoreçam a comunidade, a exemplo da reparação de cercas ou construções que favoreçam os moradores.

Em seus escritos, Certeau (1998)¹⁶ aponta que a presença ou a circulação de uma representação não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários. Cotidiano, desse modo, configura-se muito mais que apenas os feitos do dia-a-dia, das ações rotineiras, ele está nas peripécias inesperadas, nas facetas percebíveis somente quando se acompanha a vivência, repleta de criatividade. E a vida em Faxinal necessita de astúcia, especialmente quando remetemos a décadas passadas, em que a dificuldade financeira era maior e havia necessidade de meios que possibilitassem melhores condições.

Nestas circunstâncias, os mutirões detinham a capacidade de agregar valor, uma maneira de ganho econômico anexo ao produto através do barateamento no processo de produção. O trabalho em mutirões vai além da simbologia da troca, da festividade, da interação e zelo pelo vizinho, as trocas possuíam significados variados e sentidos relacionados as necessidades, como em relação a economia mais precária na década de 1970 e 1980, a exemplo do que comenta o Sr Ricardo Perek, residente na comunidade de Marmeleiro dos Soares:

Mais antigamente de 70 a 80, era ainda mais difícil produzir e vender, não dava muito dinheiro e pagar pra fazer o serviço automaticamente corta o rendimento que você teria com o feijão, o milho, a erva ou o que você produzisse. Porque daí se você paga para fazer o trabalho, isso é um dinheiro que sai da sua renda, e trabalhando

15 Entrevista realizada no Faxinal Marmeleiro dos Soares com o Sr. Amaro de oliveira em 28 de março de 2019.

16 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

em grupo, isso agrega valor ao seu produto, pois você não tira dele mesmo, o lucro é maior e ele tem mais valorização(...)¹⁷

Notamos na fala do Sr. Perek uma conscientização da utilidade econômica atrelada a prática, este deixa claro que se necessário for pagar um dia de serviço ao trabalhador, diminuirá a rentabilidade do seu produto. Ou seja, ao fazermos uma simples comparação com os valores nos dias atuais, tendo a saca de feijão assim como o dia de trabalho girando em torno de R\$100,00 a R\$120,00, se a lavoura em um determinado ano produz 10 sacos de feijão e, o faxinalense tem auxílio de três camaradas por um dia, descontando o valor a ser pago para os três trabalhadores, a produção tem automaticamente uma queda de 3 sacos, restando apenas 7 para o produtor.

Há nesse caso, uma identificação econômica entre os moradores, pela qual percebem a possibilidade em obter maior lucratividade sobre sua produção através da união existente na comunidade. As divisões, trocas e auxílios estendem-se, indo além das terras cedidas para a criação de animais, a busca pela vivência em modos quais presam pelo aproveitamento de recursos naturais e sustentáveis. Além disso, ressaltamos que o processo de produção, em especial o de colheita, considerando as décadas de 1970 ao início dos anos 2.000, o trabalho quando não possuía alguma maneira de auxílio de maquinário, era todo manual, ou seja, era mais lento.

Além disso culturas como feijão, milho, arroz, entre outros, tem época qual pode ser produzido, no verão, como seu ciclo necessita de praticamente toda a estação, o plantio assim como o cuidado e posterior colheita, ocorrem praticamente no mesmo tempo. Desse modo, tendo a lavoura madura, é necessário que a colheita seja feita com rapidez e eficiência, para que não haja perdas; aqui entra a utilidade da agilidade dos puxirões. Uma lavoura que geraria dedicação e empenho de semanas para poucos trabalhadores, pode ser realizada em um dia pelo puxirão.

No Faxinal do Marmeleiro dos Soares, Henrique Menezes, relata ser costume plantar na mesma época o feijão, (início da primavera) e, assim que concluído o trabalho da “arrancansa e maiansa”, maneira que este denomina o trabalho com o feijão, executado pelo puxirão na propriedade de um dos trabalhadores, em seguida iam à lavoura próxima que estivesse mais madura para colheita, trabalho todo realizado entre as famílias vizinhas. Além disso, os mesmos feijões que foram arrancados e “maiados” (feijão processado e limpo ainda na roça) de forma grupal, também foram secados assim na quadra da comunidade. Segundo relatos de Henrique Menezes:

Eram feito puxirões para arrancar, mair e secar o feijão. E quando a gente ia secar, tinha feijão de até quatro famílias diferentes na quadra, todas ajudavam a cuidar do

17 Entrevista realizada no faxinal de Marmeleiro dos Soares com o Senhor Ricardo Perek em 28/03/2019.

feijão de todas, desde a hora de descarregar, mexer a semente e ensacar depois de pronto. (Henrique Menezes, 2019)¹⁸

Esse modo de estabelecer o decorrer dos mutirões devido a necessidade ocasionada por ciclos de lavouras enquadra-se na configuração de contrato direto, pois é estabelecido datas, geralmente em dias sequenciais para que a reciprocidade ocorra. Frisando que, não estipulam datas devido à falta de comprometimento em devolver o dia trabalhado, mas pela precisão de findar a colheita na época adequada. Nesses períodos, era comum mutirões com características formalizadas, configurando o contrato direto/cooperação contratual. Conforme Smith (1946, p. 487)¹⁹ explica que “esse tipo de cooperação age por meio de uma organização constituída formalmente e por intermédio de normas definitivamente especificadas e numa base de absoluta reciprocidade de serviços”.

Temos desse modo, os puxirões como uma manifestação de reciprocidade, que quando praticado em âmbito agrícola, possui capacidade de agilizar o trabalho, trazendo eficiência no processo e agregando valor barateando a produção. Contudo, as relações de reciprocidade não restringem-se ao puxirões, estas ocorrem de maneiras variadas nas comunidades pesquisadas, considerando os “agradados” durante os trabalhos desenvolvidos como meios de retribuir, sendo estes os momentos de refeição, como a merenda, almoço, o jantar e o baile quando possível.

Existem, dessa forma, diferentes meios de demonstrar um carinho, o agradecimento pela ajuda prestada, maneiras diferentes que a reciprocidade ocorre. Cabe salientar, em grupos sociais diferentes, com costumes e cultura divergente, resulta em variadas possibilidades de interação por meio da reciprocidade, não sendo esta estática, uniforme, ocorrendo apenas por meio da troca de bens, assim como aponta Ricardo Perek.

O faxinalense é um povo recíproco por natureza como diz né, porque você veja bem, nós não fazemos essas trocas apenas no dia de trabalho, ela acontece de várias formas aqui no faxinal, por isso pra nós aqui, a reciprocidade do povo anda junto com o carinho e o zelo entre nós, por causa da identificação que nós temos. Ela tá na visita feita pra saber se fulano melhorou, no pedaço de alguma comida feita que o vizinho faz questão que você também experimente. Aí é lógico que quando você faz alguma coisa diferente vai querer ser recíproco com quem mostrou carinho com você. (Ricardo Perek, 2020)²⁰

18 Henrique Menezes, faxinalense residente na comunidade de Faxinal Marmeleiro dos Soares. Entrevista concedida a Wellerson Emanuel Ferreira em 28 de março de 2019.

19 SMITH, T. Lynn. Cooperação nas zonas rurais. In: SMITH, T. Lynn. *Sociologia da vida rural*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1946, p. 184-204.

20 Ricardo Perek, faxinalense que reside em faxinal Marmeleiro dos Soares. Entrevista concedida a Wellerson Emanuel Ferreira em 12 de maio de 2020

A partir dos que nos fala Ricardo Perek, percebemos que a continuidade do ciclo recíproco não é realizada tomando-a como dívida, mas com prazer em retribuir devido estar presente nessas relações valores afetivos como carinho e zelo pelo outro, oriundos da identificação que permeia o faxinal. Ou seja, a reciprocidade para estes povos não restringia-se a devolver o dia de trabalho, mas ocorria em formas variadas no decorrer do cotidiano.

Todavia, a própria reciprocidade atrelada nas relações de troca de serviços em puxirões possui suas diferenças, o sociólogo e antropólogo alemão Emílio Willems, discute as formas de reciprocidade instantânea e adiada, atrelando um novo sentido na forma de retribuir e agregando uma compreensão mais ampla envolvendo a reciprocidade. Concebendo esta, portanto, como instantânea, teríamos as formas de retribuição voltadas a agradecimentos pela ajuda prestada ainda durante o trabalho desenvolvido, sendo os alimentos oferecidos nos intervalos de descanso, o jantar ou baile pós-puxirão. Já em relação a reciprocidade adiada, seria a devolução do dia trabalhado em um futuro puxirão realizado na comunidade, assim como explica Willems:

Quanto ao mutirão (butirão, adjutório e juntamento são usados na região) não se lhe notou ainda a dupla forma de reciprocidade que o caracteriza: as comidas e bebidas que o "dono do mutirão" oferece aos que o auxiliaram na realização do trabalho coletivo representam uma forma de reciprocidade instantânea, ao passo que a retribuição dos serviços constitui outro exemplo de reciprocidade adiada. (WILLEMS, 1947, p. 32-33)²¹

A reciprocidade instantânea não dispensa a adiada, por mais que o “dono do puxirão” ofereça diversos agrados aos seus ajudantes, isso não significa que este não terá de participar no próximo puxirão beneficiando outro morador da comunidade. Além disso, caso o beneficiado seja desprovido de condições que lhe propicie oferecer regalos durante a atividade prestada, os compatriotas não deixam de lhes serem compreensíveis, o ajudam da mesma forma.

Por meio das relações recíprocas de auxílio prestado entre os faxinalenses, notamos alternativas almejando uma lucratividade em suas produções agrícolas assim como uma variedade inclusive na alimentação com trocas de alimentos produzidos e até mesmo carne dos animais criados no criadouro comum. Perante tal fato,

Devemos considerar que as comunidades faxinalenses possuem como outra característica peculiar as diferenciando das demais, a proximidade entre as casas, não necessariamente sendo de parentes ou de laços de compadrio as mais próximas. Este fato propicia uma interação e uma ligação afetiva maior do que se percebe em outras comunidades entendendo as relações de troca que vão muito além dos puxirões, fazendo com que a reci-

²¹ WILLEMS, Emílio. *Tradição e Transição em uma Cultura Rural no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Directoria de Publicidade Agrícola, 1947.

procidade esteja presente no cotidiano, se caracterizando nas cotidianidades faxinalenses. Ainda como exemplo desses atos de troca, gerando o ciclo da reciprocidade, temos ainda os grãos produzidos nas comunidades, assim como relata Ricardo Perek:

Quando eu colho uma semente que produziu bem né, ai já o vizinho no que ele vai ajudar na troca de dia (fala do vizinho): ‘opa, quero um saco desse feijão, esse feijão é bom pra comer né’. Ai a gente troca também né, porque ele tem um outro feijão que não é bom pra comer, ele da esse outro feijão, ai eu vendo esse outro feijão pra semente ou alguma outra coisa, e ele pega esse feijão que é bom pra comer. É um porco também né, muitas vezes você vai matar ai o vizinho lá pega e leva uma prancha, ai quando ele mata ele devolve. Isso ainda hoje acontece, se troca além do dia de trabalho ainda se troca um alimento. (Ricardo Perek, 2020)²²

A reciprocidade nas trocas nesse exemplo vem atrelada ao zelo existente entre os moradores, pois percebe-se no ato uma troca de sementes de feijão visando a maior qualidade no alimento para o benefício do vizinho. Se o Sr. Ricardo Perek cedeu um saco de 30 kg, seu vizinho repassará 30 kg do feijão que estava consumindo, o sentido está na semente que poderia estar mais dura para cozinhar pela idade e um caldo mais grosso gerado pela semente de Ricardo. Como as sementes produzidas eram pra venda, independentemente da idade ou qualidade do feijão, o preço pela saca já estipulado pelo comprador ou cerealista é o mesmo, Ricardo neste caso não perderia em nada em ceder um saco para o camarada de trabalho.

Um faxinalense não vê problemas em beneficiar o outro, pois sendo o zelo um dos elementos presentes nesse cotidiano, valores éticos presentes na reciprocidade, ele sabe que quando precisar na troca de outro produto, seu vizinho será recíproco, assim como quando comenta na troca de pedaços de carne dos porcos matados para o consumo.

3. Os benefícios da prática de puxirões para os faxinalenses e sua representatividade para estes

Os puxirões, portanto, além de uma prática, um modo de trabalho comunal realizados pelos faxinalenses, é encarado por estes como um meio alternativo, um modo de produção que os beneficie economicamente estes pequenos produtores agregando valor em seus alimentos na busca de maior lucratividade. O auxílio prestado em reciprocidade é o que proporciona o barateamento no processo produtivo, pois para que este “agregar valor” ocorra, é necessário que o faxinalense que foi beneficiado em um puxirão, devolva o dia trabalhado para os camaradas que o serviram.

²² Ricardo Perek, faxinalense residente em Faxinal marmeleiro dos Soares. Entrevista concedida a Wellerson Emanuel Ferreira em 12 de maio de 2020.

Desse modo, a reciprocidade em suas diversas formas de trocas, mas em especial aqui envolvendo os puxirões, ocorria gerando um ciclo recíproco, ocorrendo em três estágios, dar, receber e retribuir, cada qual com seu significado e importância. A união presente em ambas as comunidades propicia estas relações recíprocas inclusive trazendo sentido e representação para os faxinalenses. Amaro de Oliveira nos fala referente esta representação envolvendo a reciprocidade em puxirões no faxinal:

O faxinalense é uma pessoa disposta, trabalhadora, humilde, mas acima de tudo prestativo e unido. É aqui que o puxirão também representa nós daqui, porque a gente cresceu assim, trabalhando juntos pelo outro, o outro por nós e quando preciso, todos pelo faxinal. Então você veja, isso de trocar seja dias de trabalho ou comidas, é jeito nosso, tipo uma essência nossa, isso representa a gente. (Amaro de Oliveira, 2020)²³

Assim, para Amaro, o faxinalense traz em sua identidade, em sua essência como este coloca, a tradição de práticas recíprocas por é inserido neste meio recíproco, processualmente adquire e aprende os costumes moldando e resultando no faxinalense recíproco. Todavia, por influências em especial econômicas como compra de tratores, alguns traços ou até mesmo a continuidade da reciprocidade em relação aos puxirões foram se perdendo no processo.

Os puxirões, portanto, atrelados a um modo de vida em faxinal, qual visa a sustentabilidade e a preservação, envolta de outras formas de trocas inclusive das próprias terras cedidas para a criação de animais, se configura como um modo de produção com fins recíprocos, interacionais e econômicos. De grande significância para as comunidades conforme relatados pelos faxinalenses entrevistados, devido ser fruto também de um processo, pois para que este ocorra, é necessário que etapas sejam realizadas. O trabalho comunal proporciona fins lucrativos para os faxinalenses, oportunidades de interação e relação, além de formar laços oriundos dos valores afetivos atrelados a reciprocidade, tais como Sabourin (2008, p.135)²⁴ [...] “a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua”.

23 Amaro de Oliveira, faxinalense residente em Faxinal Marmeleiro dos Soares. Entrevista concedida a Wellerson Emanuel Ferreira em 15 de junho 2020.

24 SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]*, v. 23, n. 66, 2008, p. 131-138. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008> Acessado em: 29 de novembro/2019.